



Episódio 98

Por que não somos uma geração missionária (ainda)?

Quando você olha para as pessoas ao seu redor na igreja ou comunidade de fé à qual você pertence, você fica se perguntando por que elas não se interessam pela pregação do Evangelho como você esperaria? O que pode estar por trás dessa morridão e desinteresse? E ainda mais importante: qual pode estar sendo o seu papel nesse cenário?

Onde está o fervor missionário?

Você já sentiu que não encontra pessoas, mesmo dentro da igreja, com o mesmo fervor missionário que você? Até parece doideira estarmos adorando o mesmo Deus, lendo a mesma Bíblia e não ter o mesmo desejo em servir a Deus.

No episódio anterior conversamos sobre o que é missão, e em cima disso, questionamos se todo cristão é um missionário. Ao olhar para nossa igreja e as pessoas ao redor, a resposta fica bem clara. Pode ser que você tenha amigos que você ama de todo o coração, mas que não se importam com a propagação do evangelho, não apenas no local onde que vivem, como mundialmente, através de oração ou doação. Eu sei o quanto isso incomoda, principalmente quando voltamos para a igreja local depois de uma missão ou estamos nos preparando para. Ir para a missão. É uma situação complicada e até mesmo frustrante.

Por que então não somos essa comunidade que explode de vontade de levar as boas novas para quem ainda não conhece? A primeira coisa que precisamos normalizar é que ao contrário do que muitos pensam, não estamos num movimento gigantesco missionário. Na verdade, temos pouquíssimos missionários de linha de frente se comparado ao número de cristãos. Podemos considerar vários aspectos, mas uma coisa que tem ficado cada vez mais evidente no movimento cristão atual e principalmente no que se diz movimento missionário, é uma característica que perpassa a sociedade como um todo e não notamos como está afetando o cristianismo e a prática das missões.

É nada mais, nada menos, que a busca incessante por alegria, felicidade, satisfação e prazer (me refiro ao prazer do bem estar, não apenas o sexual). Você pode pensar “ué, não é isso que deveríamos buscar?” Bom, isso pode facilmente se tornar algo exagerado. Essa visão hedonista nasceu na Grécia Antiga, que é essa busca pelo prazer. Essa ideia se torna cada vez mais comum e frases como “Faça o que te faz feliz”, “Vá atrás de seus sonhos” escondem o perigo de centralizar no próprio eu.

Esse posicionamento acaba entrando na igreja e na missão de formas disfarçadas. Quer um exemplo? No passado não veríamos os missionários chamando missão de “uma grande aventura”. Tem um missionário fascinante, um dos pioneiros americanos da missão moderna, o Adoniram Judson que sempre falou muito abertamente para as organizações que queriam enviar missionários para a Birmânia (atual Mianmar): Não me envie esses missionários que querem ter uma experiência diferente, que só querem morar aqui por um tempo e voltam para casa para viver a vida normalmente. Não é algo desconhecido para vocês, porque já falei aqui que missão de curto prazo não é a solução para a pregação do evangelho, é um passo inicial em direção a uma carreira missionária. Os missionários de carreira que farão a diferença em pregar para aqueles que ainda não ouviram.

O curioso é que quando ele se referia a missionários de curto prazo, ele estava falando de pessoas que iam passar quatro a cinco anos, e aí notamos como a visão é diferente. Não quero ser saudosista, mas é necessário olhar para o caminho que estamos trilhando. Digo isso pelo seguinte, muitas organizações até usam como slogan “Vai ser a experiência da sua vida”, “Você nunca mais

será o mesmo” e isso pode realmente acontecer, incluindo com traumas da missão. Vemos isso com personagens bíblicos, como Paulo e Jesus que passaram por quadro de sofrimento emocional. Então focar demais nessa fala de benefício próprio nada mais é que o reflexo da sociedade em que vivemos, onde tudo isso é buscado no mundo de outras formas e numa tentativa de conduzir os jovens a essas alegrias dentro da igreja, utilizamos esse discurso para substituir boate ou uso de drogas. Só que isso é dar um tiro no pé, porque é evidente que essas pessoas que se envolvem em missão por essa propaganda, não ficam muito tempo e muito menos fazem uma contribuição que gera frutos.

É um perigo de até mesmo líderes usarem falas equivocadas para apresentar a missão, isso fica constatado entre indivíduos que se envolvem em missão mas não tem comprometimento. Geralmente são pessoas que fazem alguma coisa, depois voltam para casa achando que já fizeram a sua parte ou alguém que aparenta comprometimento por estar cinco anos envolvido na missão, mas quando analisamos, passou seis meses num lugar, um ano em outro e por aí vai. Isso mostra o quanto os envolvidos/iniciantes em missão não têm entendido o papel crucial de comprometimento nesse contexto.

Enquanto não encararmos isso de frente, vamos continuar olhando apenas para resultados superficiais. Não temos como fugir da necessidade da mudança da mentalidade missionária. Quem se envolve ou demonstra interesse na missão deve entender o que realmente é missão e quais são os desafios. Acredito de coração que muitos pensam assim por não ter acesso à missão de verdade.

Nós que somos líderes, participantes ou produtores de conteúdo sobre missão, devemos ser uma voz que guia para o verdadeiro serviço, à luz da Bíblia para compreender os caminhos de um trabalho eficaz. Só que isso também deve mexer com nosso entendimento do que é ser um seguidor de Jesus, entendendo que a vida cristã deve ser um constante transbordar. Se isso não está acontecendo, é porque no mínimo “a torneira está fechada” e não temos a real conexão com Cristo. Quando percebemos isso, entendemos que não fomos resgatados por Jesus para nossa própria felicidade, mas para se unir a Ele no propósito de salvação da raça caída.

A chave para a missão

Em **Atos 1:8** lemos: “Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”. Nos preocupamos demais com a segunda metade do verso e esquecemos de detalhes como: Primeiro, vamos como testemunhas, não como aventureiros. Vamos para falar do que vivemos com Cristo. No entanto, não conseguimos ser testemunhas sem receber poder ao descer sobre nós o Espírito Santo.

Minha inquietação então, são os jovens que querem ir para missão além mar sem se envolver nas coisas da igreja, sem possuir interesse na salvação de outros em seu contexto, e querem ir apenas para ter essa transformação pessoal (que não acontece ao entrar no avião). Enquanto não lidarmos com essa fraqueza espiritual que temos vivido como cristãos, realmente não seremos nada no contexto transcultural. Porque não receberemos poder, não testemunharemos e no máximo seremos reconhecidos como turistas benfeitores.

Agora se nos enxergarmos como reais representantes de Cristo, tudo que fizermos, independente do local, testemunhará do Seu Nome aqui na Terra. Por isso te convido a não só refletir sobre sua vida, mas que você possa ser um(a) catalisador(a) de fomentar um espírito missionário genuíno em todos os círculos com os quais convive. Que possamos ver, ainda nessa geração, um verdadeiro movimento missionário. Uma geração que não foca nos benefícios, mas que se entrega e se compromete com a pregação do evangelho transbordando o amor de Cristo para todo o mundo.